

EDITORIAL

Forma e representação: a concepção de espaço no mundo moderno

Neste volume da *Perspectiva Pictorum*, e de acordo com a programação da nossa revista, este segundo número, relativo ao segundo semestre de 2023, apresenta aos leitores uma recolha de diversos estudos de especialistas que estruturaram o nosso dossiê, intitulado *Forma e representação – a concepção de espaço no mundo moderno*. Um momento para debater sobre questões específicas sobre arquitetura, perspectiva e a nova configuração do espaço na civilização da imagem, que entre os séculos XVI e XVIII iriam modificar todo o esquadramento da cultura artística entre a Europa, a América e o Oriente.

As ideias desenvolvidas neste volume vão desde o período quinhentista até a fase setecentista, entre pesquisas específicas ou não sobre a representação perspectivada e discussões sobre arquitetura. Nesta variedade de argumentos, abrimos com o projeto *Antes dos tratados: Francisco Dias e a circulação de modelos na arquitetura religiosa da América portuguesa* de Andrea Buchidid Loewen. Logo a seguir, o estudo *De la percepción del espacio a la perspectiva antropológica del Renacimiento*, de Javier Navarro de Zuvillaga. Na continuidade destacamos *La representación del espacio para la guerra entre los siglos XVI y XVIII: uso y difusión de la perspectiva a través de los tratados de fortificación*, de Jorge Galindo Díaz. A seguir o estudo sobre *La prospettiva della terra di Bramante, alla vigilia della scoperta delle Americhe* de Maria Teresa Bartoli e de Alessandro Nocentini. Destacamos agora a pesquisa sobre *La Scienza Armonica nell'universo architettonico di Bernardo Antonio Vittone (1705-1770)*, de Rita Binaghi. E finalmente o projeto *Ecos da arquitetura portuguesa quinhentista em um tratado do século XVI: o caso dos códices da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Pública Municipal do Porto* de Sarah Dume.

O campo da História da Arte é complexo e muitas vezes está eclipsado por outras disciplinas paralelas. Escolher um tema e uma argumentação a ser desenvolvida é uma tarefa que implica uma série de questões no universo das Ciências Humanas. Deve ser dito que a falta de conhecimento nessa disciplina é um dos tópicos mais significativos para muitos especialistas verem a História da Arte como um apêndice de outras disciplinas e não de modo único e específico. O trabalho do historiador da arte deve ter a componente formal, mas procurar na iconologia, na História, na Arqueologia e em tantas outras áreas um porto seguro para realizar suas análises e interpretações. Não podemos ver a História da Arte como um capítulo de outras disciplinas sociais, pois ela tem planos específicos de estudos: uma estrutura dentro do universo artístico. A História da Arte requer um foco multidisciplinar, mas que muitas vezes vem confundido com o avançar de interpretações errôneas, subtraindo os efeitos da realidade visível, que é o marco inicial de qualquer presença artística. A partir dos autores referidos optamos por fazer uma História da Arte prática, isto é, a identificação formal, a elaboração de tipologias ou modelos interpretativos, e a individualização dos temas em que os artistas se tornem os protagonistas.

É sempre importante ter em mente o objetivo da disciplina História da Arte antes de se proceder a um estudo mais complexo. A busca por definições ou conceitos podem não ajudar no momento de estudo teórico e metodológico, mas definir objetivos e identificar o objeto de pesquisa pode nos proporcionar uma investigação mais clara e induzir a melhores conclusões. Portanto, distingue-se entre o objeto, seus objetivos, os respectivos temas e uma metodologia própria.

O historiador da arte vive entre o conhecimento do objeto e a sua análise, assim, o ponto de partida é a interpretação e um método de investigação para atingir os respectivos pressupostos. Em certo sentido teríamos duas estradas a seguir: uma descritiva e histórica e outra analítica. E neste sentido nos perguntamos, temos duas Histórias da Arte? E poderíamos responder assim: ora, temos um estudo que conjuga narrativa histórica e decomposição analítica. Um objeto artístico tem uma presença física constituída por matéria e forma, é a partir daí que partimos para conceitos estéticos. A arte é diferente de um documento

escrito ou da tradição oral, que podem desaparecer com o tempo, mas já uma decoração em paredes, em tetos ou mesmo um conjunto escultórico ou um núcleo arquitetônico resiste muito mais. Portanto, nosso tema apresenta um contexto histórico, uma origem, uma autoria, uma finalidade e uma estrutura cultural particular e específica, para não dizer um complexo formal de extrema importância. A partir daí avança-se para as investigações e os respectivos objetivos que se fundamentam por fontes literárias e documentos específicos sobre a obra e seu autor. Para construir esta armação histórico/artística procura-se a ajuda de outras disciplinas, mas tendo como ponto fulcral de nossas preocupações a forma e o seu significado – é o conhecimento da obra ou do objeto artístico e o entendimento do seu universo cultural. Numa proposta de síntese temos – a História da Arte, a crítica de arte, a valorização estética e a valorização histórica. Tudo inseparável entre forma e conteúdo, tudo entre a biografia da obra e seus aspectos técnicos. O contexto dos objetivos da História da Arte nos direciona ao objeto da História da Arte. Qual seria este objeto? As diferenças estilísticas; a biografia dos artistas; os documentos; a interpretação iconográfica; as questões técnicas ou as questões sociológicas? Ao longo da historiografia cada um destes itens se constituiu no componente de estudo de diversos pesquisadores. Mas de um modo objetivo podemos dizer que a proposta de estudo da História da Arte é o objeto em si, ou seja, a própria arte. Um produto artificial feito pelo homem e com a intenção de comunicar algo. E a sua subjetividade e a sua diversidade de linguagem nos diferentes momentos e disposições geográficas é que se transforma num objeto artístico, fruto da atividade humana, como bem nos mostra José Fernandes Arenas em seus estudos sobre teoria e metodologia da História da Arte. A necessidade de criar imagens é diversa e oscila entre motivações espirituais e materiais.

O campo da representação perspectivada é mais visual e, portanto, mais óbvio, no entanto, associado aos estudos dos tratados determinam uma nova janela perceptiva de conhecimentos. Estes conhecimentos estão reunidos aqui neste dossiê por alguns especialistas. O leitor perceberá que o foco mais expressivo é o de dar a conhecer novas propostas visuais com interpretações baseadas nos campos

da pintura ou da arquitetura, numa constante relação entre a arte e a ciência. Nossa proposta com este número é poder dizer que estamos perante uma espécie de história dos métodos de representação pictórica/arquitetônica que, entre os séculos XV e XVIII, tiveram uma atuação marcante. A par de todos esses conhecimentos, não podem ser transcuradas averiguações científicas e/ou geométricas a partir de tratados ou manuais sobre pintura, arquitetura ou perspectiva, como anteriormente afirmamos. Era a fase em que esses conhecimentos passavam a ser inseridos em contextos científicos próprios, diversificando suas especificidades desde os assuntos técnicos até a produção pictórica da forma. É esta a nossa sugestão em forma de dossiê que vem à luz neste segundo número em 2023, apostando numa pesquisa voltada para uma nova configuração do espaço no mundo moderno. A proposta é oferecer ao leitor, especialista ou não, a possibilidade de novos caminhos a partir do universo entre a representação perspectivada do espaço, a pintura e a arquitetura.

Nossa revista ainda conta com artigos livres de professores e pesquisadores especializados, que podem ou não se vincular ao dossiê, mas que nesta outra face da revista complementa e fecha nosso escopo de pesquisas, num setor mais diversificado e ampliado, possibilitando pujança e diversificações interpretativas em qualquer campo da História da Arte. Deste modo, iniciamos com *Le chiese rupestre e l'altopiano murgico* de Antonella Guida; Giuseppe Andrisani e Vito Domenico Porcari; logo a seguir *Os sarcófagos antigos e a formação da Arqueologia paleocristã*, de Cláudio Monteiro Duarte; a seguir a pesquisa sobre *José Joaquim da Rocha e a Escola Baiana de pintura: entre a oralidade, a crônica e a documentação*, de Luiz Alberto Ribeiro Freire. O estudo sobre *A arte da ornamentação com embutidos e embrechados*, por Luiz Antônio da Cruz e as *Sibilas do Tijuco: a centralidade das profetisas seculares na arte colonial*, por Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani. Seguimos com o texto sobre *José Pereira Arouca e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: trabalho, devoção e fé*, de autoria de Monica Lage e ainda as pesquisas sobre *A primeira onda do movimento do Teatro Musical em São Paulo (1962-1973)*, por Suelen Régia dos Santos Ogando; ainda no campo da arte em Minas

Colonial, o texto sobre *Os canteiros de obras nas Minas Gerais Setecentistas: entre o comissionamento, a fábrica e o conhecimento que circula*, por Valéria Sávia Tomé França.

As resenhas aqui apresentadas evidenciam o compromisso editorial em difundir e fazer sentir aos leitores obras específicas, sejam elas recentes ou já estabelecidas pela historiografia da arte e da cultura como pontos essenciais na formação de um melhor conhecimento artístico.

Portanto, abrimos este setor com a resenha do livro de Hans Belting,¹ intitulado *Florença y Bagdad: Una historia de la mirada entre Oriente y Occidente*, resenhado por André Luiz Rocha Mattos Caviola. Uma pesquisa muito esclarecedora sobre a questão do olhar ou da *mirada*, entre a cultura ocidental e o Oriente, mais precisamente Bagdad; André Caviola nos brinda com um texto cheio de descobertas. A seguir, o tão estudado livro de Erwin Panofsky², *A perspectiva como forma simbólica*, resenhado por Guilherme Augusto Guglielmelli Silveira, que aponta uma série de disposições sobre a imagem, e o percurso da representação perspectíca do espaço ao longo da história. Uma visão crítica da obra de Panofsky, de modo claro e conciso.

Na seção de análises críticas e/ou relatos de experiências, contamos com a vivência da Prof.^a Doutora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira com seu relato do contato com o historiador inglês John Bernard Bury (1917-2017) e sua obra, em especial seu *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*³, publicado inicialmente em 1991, um estudo sobre a arquitetura luso-brasileira que, até hoje, é um marco para os especialistas e estudiosos interessados nos estudos sobre a arquitetura portuguesa e brasileira.

Agradecemos aos autores que participaram nesta publicação e esperamos que este número, com tanta diversidade, ofereça ao leitor uma contribuição profícua sobre as questões identificadas com o percurso de um novo conceito de espacialidade operativa, tanto nas dinâmicas pictóricas como nas arquitetônicas,

1 BELTING, Hans. *Florença e Bagdad – uma historia de la mirada entre oriente y occidente*, Akal/Ediciones Visuales, Madrid, 2012,

2 PANOFSKY, Erwin. *A Perspectiva como Forma Simbólica*, Edições 70, Lisboa, 1993.

3 BURY, John Bernard. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel, 1991.

entre os séculos XVI e XVIII; esperamos que estas análises possam contribuir não apenas para estudos e investigações especializadas, mas também para um maior e melhor conhecimento sobre a cultura artística a partir do Renascimento entre a Europa e a América Portuguesa. Nossa intenção é criar possibilidades e dinâmicas interdisciplinares e propor uma melhor estabilidade analítica no campo da História da Arte, entre a forma e o significado cultural, entre a realidade visível e a invisível.

Alfredo Jose Morales Martinez

Catedrático em História da arte

Universidade de Sevilla